SUFRAMA

SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **3 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 24 de fevereiro de 2013

O ESTADO DE SÃO PAULO
Trabalho na indústria fecha 2012 com custo recorde 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO
Governistas brigam por mais espaço no ministério 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO
Dilma oferece 3 pastas para saciar apetite de aliados 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

SUFRAMA
SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS

VEÍCULO
O ESTADO DE SÃO PAULO

EDITORIA

TÍTULO

Trabalho na indústria fecha 2012 com custo recorde

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

A queda na produtividade e o aumento médio real dos salários fizeram com que o custo do trabalho na indústria brasileira tivesse aumento recorde em 2012, mesmo com recuo no emprego e as medidas de política econômica para incentivar o setor. A alta foi de 6,6%, de acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial.

Custo do trabalho na indústria cresce 6,6% em 2012, maior alta em 11 anos

Combinação de queda de 0,8% na produtividade com aumento médio real nos salários de 5,8% produziu alta recorde no custo da mão de obra

Marcelo Rehder, de O Estado de S. Paulo

Apesar do recuo no emprego e de todas as medidas de incentivo adotadas pelo governo, o custo do trabalho na indústria brasileira registrou um aumento recorde em 2012. A alta de 6,6% apurada pelo Instituto de Estudos para o **Desenvolvimento** Industrial (Iedi) foi a maior em 11 anos, desde que a pesquisa começou a ser feita - e foi o dobro do aumento verificado em 2011, de 3,2%.

O aumento dos gastos da indústria com seus empregados é contínuo e pega o setor num momento de fragilidade. Aliado a serviços precários de infraestrutura e impostos muito altos, a alta no custo do trabalho ajuda a tornar o produto brasileiro caro demais para competir com os artigos estrangeiros, dentro do **Brasil** e no exterior.

Como consequência, o setor patina há dois anos. No ano passado, a **produção** caiu 2,7%, depois de ter crescido 0,4% em 2011. Somando os últimos resultados, é como se a indústria estivesse parada há quatro anos. Em 2012, o governo adotou algumas medidas para melhorar a competitividade. Cortou a conta de luz, reduziu impostos sobre salários, mexeu no câmbio e baixou os juros. Para os industriais, ainda não é suficiente.

Em suas contas, o Iedi leva em consideração dois fatores. Os salários, que tiveram aumento médio real de 5,8%. Mesmo apertada pela competição com os **importa**dos a indústria reajustou salários porque disputa mão de obra com o **comércio** e prestadores de serviços.

O outro item é a produtividade, medida para verificar quanto a indústria consegue produzir com seus empregados. No ano passado, a produtividade caiu 0,8% - segundo pior resultado desde 2002, só superado pela retração de 2,2% em 2009.

"A produtividade é o principal determinante da competitividade da indústria, tanto no **mercado** interno como no exterior", diz o economista Daniel Keller, consultor do Iedi. São os ganhos de produtividade que permitem às empresas absorver aumento de custos, incluindo salários, sem repassá-los aos preços.

A baixa produtividade na indústria é fruto da falta de investimento das empresas em pesquisa e **desenvolvimento**, além da deficiência da infraestrutura e dos impostos. "O câmbio também é extremamente relevante", ressalta o consultor do Iedi.

A produtividade sempre cai em anos em que a economia cresce abaixo do potencial, observa Bráulio Borges, economista-chefe da LCA Consultores. "A indústria não demite na mesma proporção da queda da **produção** por causa dos custos de demissão e da contratação, quando a economia voltar a crescer."

No ano passado, o emprego caiu 1,4%, enquanto a **produção** recuou 2,7% e as horas pagas, 1,9%. Em 2011, o emprego havia crescido 1% com a **produção** estagnada. Com a queda de 2012, a indústria está produzindo a mesma quantidade de 2008, início da crise global. "Se não houvesse rigidez no **mercado** de trabalho, não fosse difícil encontrar mão de obra qualificada nem tivesse custo para treinar essa mão de obra, a indústria teria demitido muito mais nesse biênio para manter o nível de produtividade", diz Borges.

Aquecimento. Mesmo com uma **produção** fraca, a indústria concedeu aumento real de salários para não perder trabalhadores treinados para outros setores da economia, principalmente o de serviços. "Os acordos salariais nos levaram a dar praticamente 4% acima da inflação em 2012, naquilo que os sindicatos chamam de aumento de produtividade. Só que a produtividade não existiu", queixa-se o empresário Corrado Vallo, sócio da Omel, fabricante de bombas e compressores de São Paulo.

Para especialistas, a elevação do custo do trabalho se deve também ao aquecimento no **mercado** de trabalho, provocado pelo aumento da demanda, estimulada pelo governo. A política de valorização do salário mínimo também pressiona os salários. Para empresas como a M Dias Branco, líder nos **mercado**s de biscoitos e massas alimentícias, no entanto, o aumento do custo do trabalho também significa aumento de demanda. "Nossas vendas têm crescido bastante, porque o aumento do salário mínimo ampliou o poder de compra", diz Geraldo Mattos Júnior, vice-presidente da empresa.

Ritmo pode diminuir, mas pressão sobre a indústria vai continuar

O custo do trabalho tende a continuar pressionando a indústria em 2013, embora num ritmo um pouco menor que o registrado no ano passado. Para Bráulio Borges, economista-chefe da LCA Consultores, a **produção** deve crescer 3,5%. "Só que provavelmente a gente vai ver o emprego industrial meio que andando de lado, porque o setor tem uma certa ociosidade dos trabalhadores que ele reteve nos dois últimos anos", diz o economista.

Além disso, o setor terá um alívio por causa das medidas de desoneração da folha de pagamentos. Para 15 setores, a desoneração entrou em vigor só a partir de agosto de 2012 e para outros 27 setores ela começou a valer em janeiro deste ano. "É um alívio **importa**nte de custo para as empresas", diz Borges.

Mesmo assim, a perspectiva continua sendo negativa para a indústria, afirma Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. "Continua havendo demanda forte e oferta limitada de mão de obra qualificada, que é mais necessária para a indústria do que para os serviços."

Ele lembra que o crescimento da demanda por trabalhadores mais qualificados fez subir o salário geral dessas pessoas. "O impacto tem sido maior para a indústria, porque o mundo ficou muito mais competitivo justamente no trabalho", argumenta. Por isso, ele acredita que o País vai continuar tendo dificuldade de **exporta**r.

VEÍCULO
O GLOBO

EDITORIA

TÍTULO

Governistas brigam por mais espaço no Ministério

ORIGEM
INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ENFOQUE
DE INTERESSE

VEICULAÇÃO
NACIONAL

Conversam comigo para se valorizar do lado de lá. Eu finjo que sou bobo', diz Aécio, provável adversário de Dilma

Maria Lima

Fernanda Krakovics

-Brasília - Fidelidade canina à chapa governista, até agora, só mesmo do PCdoB. Com os principais atores da disputa presidencial de 2014 já entrando em campo, começou pesado o ataque especulativo de partidos da base governista, que procuram se cacifar melhor para levar alguma vantagem na reforma ministerial prometida para março.

Como dona da caneta das nomeações, a presidente Dilma Rousseff é quem mais está sendo atacada pelos partidos aliados periféricos, que foram "jogados fora" na época da chamada faxina ética, e agora vêem a chance de dar o troco. Mas não são só PDT, PR, e PP que procuram se reposicionar conversando ora com o tucano Aécio Neves (MG) ora com o presidente do PSB e governador de Pernambuco, Eduardo Campos. Ou com todo mundo junto.

Até mesmo setores do PMDB, partido teoricamente casado com o PT na aliança que garante Michel Temer como vice de Dilma, sinalizam que podem inviabilizar a repetição da aliança formal, se não forem bem atendidos e compensados após seu fortalecimento nas eleições municipais e nas presidências de Câmara e Senado. É o caso do PMDB mineiro, que briga por um **Ministério** desde que o deputado Leonardo Quintão renunciou à candidatura a prefeito de Belo Horizonte em favor do petista Patrus Ananias, ano passado.

- Conversam comigo para se valorizar do lado de lá. Eu finjo que sou bobo. O PDT também conversa aqui. Na verdade, está todo mundo conversando com todo mundo - diz Aécio Neves, provável adversário de Dilma em 2014.

No PMDB, a expectativa é que se cumpra a promessa feita pelos então candidatos Renan Calheiros (PMDB-AL) e Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), de que, após eleição das Mesas de Senado e Câmara, teriam mais força para cobrar mais espaço na Esplanada. O objetivo seria conseguir um **Ministério** maior, para acalmar as bancadas.

- Estão todos conversando com todos, e o temor é que isso contamine também o PMDB. Alguns dos PMDB, como os mineiros, querem conversar com Eduardo Campos e Aécio. Esse negócio de casamento de 60 anos feliz já era. Para manter o casamento e a mulher feliz, de tempos em tempos tem que dar uma joiazinha para reacender a paixão. Se não, chega outro com um carrão mais bonito e descobre-se um novo amor - ilustra o deputado Lúcio Vieira Lima (PMDB-BA).

A ofensiva dos mineiros já estaria surtindo resultado, depois que o ministro do **Desenvolvimento** e **Comércio** Exterior, o petista mineiro Fernando **PIM**entel, fez chegar essa preocupação ao Planalto e ao PT. Na conversa entre **Lula** e Henrique Alves, sexta-feira, em São Paulo, um **Ministério** começou a ser negociado para os mineiros.

Partidos menores conversam também com Eduardo Campos e Aécio

Brasília - Para saciar o apetite dos aliados assediados por adversários, a presidente Dilma Rousseff tem à mão, para negociar, **Ministério**s para os quais fez indicações pessoais: Transportes, que o PR deseja retomar para voltar à base governista; Trabalho e Emprego, que o PDT de Carlos Lupi quer voltar a comandar; e Agricultura. Leonardo Quintão (PMDB-MG), por exemplo, poderia ir para a Agricultura no lugar de seu colega gaúcho Mendes Ribeiro. A vocação agrícola de Minas ajudaria a justificar a mudança.

No PR, o ex-ministro dos Transportes e presidente do partido, senador Alfredo Nascimento (AM), e o líder na Câmara, deputado Anthony Garotinho (RJ), já estiveram no Planalto negociando seus retornos à base, desde que tenham de volta o **Ministério** dos Transportes, alvo de cobiça também do PMDB. Mas o PR já estaria disposto a voltar por menos: retomar o poder apenas no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) e na Valec, responsáveis pelas obras em rodovias e ferrovias. Mas não será fácil a presidente aceitar essa proposta, pois os dois órgãos foram focos de denúncias de corrupção em 2011.

- O que vai acabar acontecendo é que Dilma não vai dar nada para o PR. Mas Eduardo Campos já tem feito tratativas e conversas com o PR. Ele está negociando com os partidos jogados fora por Dilma - avisa um dos caciques do PR.

Já o comando do PDT quer emplacar o secretário-geral do partido, Manoel Dias, ligado ao presidente da sigla, Carlos Lupi, no lugar de Brizola Neto, no Trabalho. Sem apoio partidário, por ser considerado uma escolha pessoal de Dilma, Brizola Neto também perdeu sustentação na Força Sindical.

Segundo pedetistas, na conversa entre Dilma e Lupi, há duas semanas, a presidente ofereceu a possibilidade de o PDT trocar Brizola Neto por quem o presidente do partido queira. Mas, em contrapartida, pretende amarrar desde já o apoio do partido à sua reeleição. Lupi não teria aceito essa condição.

- Lupi conversa todo dia com Aécio e Eduardo Campos. Eu, pessoalmente, sou contra Dilma e vou até com o capeta - diz um pedetista dissidente.

Lupi, que perdeu o posto de ministro, mas continua encastelado no conselho do **BNDES**, aproveita o assédio da oposição para recuperar poder junto a Dilma, enquanto outros pedetistas espalham que negociam com Campos ou Aécio.

O PTB, outro partido da base aliada, sempre esteve dividido, mas parece mais decidido agora.

- O PTB vai com Eduardo Campos e não tem nem conversa - afirma o deputado Silvio Costa (PTB-PE).